

Romances históricos geralmente são obras de ficção a que os fatos e personagens históricos servem como pano de fundo; por isso, creio que os que escrevo poderiam mais apropriadamente ser classificados como História romanceada, isto é, narram fatos históricos documentados, empregando técnica narrativa de romance. As histórias que conto, se fictícias, seriam bons temas para romances. Então, por que não contá-las dessa forma, mais atraente para o leitor pouco interessado em *estudar* História?

Não sou historiadora, e meu interesse pela História começou na infância, com as histórias da História que meu pai me contava; isso me levou a ler romances históricos para adolescentes. Como esses eram geralmente obra de autores estrangeiros, entre eles Sir Walter Scott, James Fenimore Cooper, Alexandre Dumas, interessei-me muito mais pela História da Europa e dos Estados Unidos. Foi a leitura de *Robin Hood*, em uma adaptação de Monteiro Lobato, que me levou a ler uma História da Inglaterra, só para saber se aqueles heróis que me haviam conquistado haviam mesmo existido. E passei à História da França por causa dos *Três Mosqueteiros*. No Brasil, para público infanto-juvenil, que eu me lembre, havia apenas *As Aventuras de Tibicuera*, de Érico Veríssimo.

Li sobre Pocahontas, mas de Paraguaçu, a Pocahontas brasileira, só soube pelos livros escolares – sem qualquer sabor de aventura. Eu conhecia os sioux e moicanos, porque estavam nos livros de aventura, nas histórias em quadrinhos e no cinema. Mas livro algum me falava sobre os rebeldes caiapós. Creio que, com raras exceções, isso ainda impera entre as crianças de hoje, que, no Dia do Índio, se enfeitam segundo o figurino dos nativos da América do Norte.

Passada a fase juvenil, aos 16 anos, ao ler Paulo Setúbal, passei a me interessar mais pela História do Brasil. Meu interesse pelas Missões Jesuíticas e a colonização do RG, por exemplo, se iniciou um pouco mais tarde, com a leitura do *Arquipélago*, de Érico Veríssimo.

Segundo uma pesquisa, depois da matemática, a História é a disciplina mais rejeitada pelos escolares, pois, da forma como é geralmente apresentada, não passa de uma lista de nomes e datas a decorar e de fatos que parecem ter sido protagonizados por estátuas de bronze, e não vividos por gente de carne e osso. Com o preconceito formado, a ojeriza permanece pela vida afora. E sem conhecer um pouco de História não se podem compreender os acontecimentos presentes, pois tudo tem suas causas num passado recente ou remoto.

O fundamental é compreender os acontecimentos; quando necessário, qualquer enciclopédia ou a Internet podem fornecer em minutos o nome de um rei ou general, a data de algum acontecimento, ou onde se travou determinada batalha. Por isso, em meus romances os acontecimentos históricos são quase sempre tratados em forma de diálogos informais entre os personagens. O que permite mostrar, sem uma longa dissertação acadêmica, como pensavam as pessoas da época e por que agiam dessa ou daquela forma. Do mesmo modo pelo qual numa reunião social de hoje se fala sobre a guerra no Iraque ou a eleição nos Estados Unidos, a crise econômica que ameaça o mundo ocidental, as razões da violência nas grandes cidades...

No meu romance *Barões e Escravos do café – a vida privada no Vale do Paraíba*, que tem por tema o café, a escravidão e o abolicionismo, vários cafeicultores, reunidos numa confeitaria, queixam-se dos negócios que não vão bem e culpam os abolicionistas por suas dificuldades; alguém do grupo então cita outros problemas que estão causando sua ruína, entre eles a simpatia da herdeira do trono pela causa abolicionista. Ao mesmo tempo, na mesma confeitaria, em mesa diferente, as primas da noiva de Joaquim Nabuco comentam o namoro da prima, preocupadas porque a moça está namorando um abolicionista e ateu. Na conversa tem-se um resumo da biografia de Nabuco e de suas idéias, de forma natural, como até hoje primas e amigas comentam o namorado de uma delas. Em outro trecho, o viajante francês Charles Ribeyrolles, em visita ao barão de Campo Belo, conversa com o anfitrião sobre os males da escravidão e faz comparações com a vida, também penosa, de um operário europeu em plena revolução industrial. O filho do barão, recém-chegado de São Paulo onde terminara o curso universitário, entra na conversa e narra o que se diz na universidade a respeito de escravidão, inferioridade do negro e abolicionismo. Visões diferentes de um mesmo tema, em linguagem coloquial como a de todo diálogo.

Em um dos capítulos iniciais do mesmo livro, um tropeiro chega com a notícia de que o alferes simpático que andara construindo uma estrada nas redondezas fora preso porque pretendia fazer uma revolução para expulsar do Brasil os portugueses. Para eles, Tiradentes não passava do alferes simpático que havia sido seu vizinho. E com esse Tiradentes é mais fácil os leitores se conectarem.

Temos no Brasil excelentes historiadores, a produção histórica vem crescendo em quantidade e qualidade. Mas são, em sua maioria, obras de e para historiadores, nada que o público geral se anime a enfrentar. Já um romance é mais fácil de ser lido, e o que é aprendido dessa forma é memorizado sem esforço, assim como o mais complicado dos enredos de novela é compreendido por todos. Entre os representantes atuais do romance histórico brasileiro podemos citar, especialmente, Dinah Silveira de

Queiroz com *A Muralha* e, mais recentemente, Ana Magalhães e José Roberto Torero. Parte da obra de Márcio Souza também poderia ser incluída nessa categoria.

Escrevo para duas faixas distintas de leitores – adultos e colegiais –, embora os livros "para adultos" sejam freqüentemente adotados em escolas de segundo grau. Meu texto é igualmente simples e coloquial nas duas categorias. A diferença está em que nos livros para adolescentes privilegio a aventura, e nos que têm adultos como público alvo detenho-me um pouco mais nas causas economico-político-sociais, embora também essas sejam exemplificadas por intermédio de descrições da vida cotidiana das pessoas que participaram ativamente da construção da História.

Até muito pouco tempo vigorou uma visão marxista/materialista da História, com causas puramente econômicas. Essas, evidentemente, são cruciais, mas sem as pessoas não haveria História, pois os acontecimentos dependem também, em grande parte, de quem deles participou. A Alemanha derrotada e humilhada em 1918 certamente não se conformaria por muito tempo com a situação, e uma guerra era inevitável. No entanto, sem a figura carismática de Hitler os acontecimentos talvez tomassem outra feição, talvez fosse uma guerra convencional, sem as demonstrações de crueldade inauditas no século XX. O Oriente Médio não continuaria em paz por muito tempo - aliás, já vivia em guerra permanente. Mas Bin Laden reformulou tudo o que se sabia sobre guerras.

Há circunstâncias históricas, e há pessoas que agem desta ou daquela forma dentro dessas circunstâncias. E é sobre essas pessoas que costumo falar em meus livros. Não os "heróis", mas os heróis como pessoas comuns, quando nem eles mesmos sabiam que um dia seriam *personagens históricos*. Disse a historiadora Emília Viotti da Costa que a História é vivida por pessoas, e não pelas conjunturas, econômicas ou outras.

Durante minhas pesquisas para *Inconfidências Mineiras – a vida privada na Inconfidência*, em que a trama é conduzida por Iria Claudiana, minha pentavó e irmã de Bárbara Eliodora, percebi que a história da Inconfidência e a dos futuros barões do café, a certa altura, se mesclavam. E que um cunhado de Silvério dos Reis havia se casado na família Andrade, família de meu avô paterno, cafeicultor, e me veio a idéia de narrar o ciclo do café, a escravidão e a Abolição como teriam sido vividos por esses antepassados meus.

Além das pesquisas em bibliotecas, no Museu Casa da Hera, em Vassouras, e no Centro de Documentação Histórica, da Universidade Severino Sombra, também em Vassouras, recorri às anotações de um parente, Lúcio Correa e Castro, que pacientemente, por vários anos, percorreu sacristias e cartórios em busca da história da família. E me deparei com informações que não constam dos compêndios de História, referentes à vida privada dos barões do café. Tais como a ligação íntima entre alguns personagens da Inconfidência e os pioneiros do café no Vale do Paraíba fluminense. Ou a existência da escrava Laura Conga, vinda em um navio negreiro e que se tornou a companheira, por toda a vida, de um cafeicultor, futuro barão do Tinguá. A vida de Laura nos mostra um outro padrão de relacionamento entre senhores e escravas: a escrava que se torna senhora da casa e passa a se servir, ela também, dos serviços de outros escravos. Suas filhas recebem do pai barão escravos como parte do seu dote de noivas.

O assunto é vasto e não pretendo esgotá-lo aqui. Nem tenho conhecimentos ou formação acadêmica para tal. Espero, entretanto, que o romance histórico, por muitos considerado um gênero menor (não existem gêneros menores, e sim obras menores), possa levar muita gente, como levou a mim, a se interessar pela leitura de História propriamente dita.